



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LAURA GIOVANA DOS SANTOS ANDRADE

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-551
Entrevistada: Laura Giovana dos Santos Andrade
Nascimento: 26/03/1997
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina
Data da entrevista: 25/05/2015
Transcrição: Juliana Prado Cros
Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina
Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina
Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner
Total de gravação: 38 minutos e 24 segundos
Páginas Digitadas: 16 páginas
Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade; Futsal ensino fundamental, Competições no ensino médio; Participação de campeonatos/torneios na escola; Educação Física na escola; Participação no voleibol; Inserção no futsal universitário com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Apoio da família; Motivação. O significado da prática esportiva dentro do futsal universitário; Meninos e Meninas no futebol; Experiência no esporte;

Porto Alegre, 25 de maio de 2015. Entrevista com Laura Giovana dos Santos Andrade a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Eu queria começar perguntando, como você começou a jogar futebol e futsal? Quais são suas lembranças sobre a primeira vez que bateu em uma bola? Como o futebol apareceu em sua vida?

L.A. – É que na verdade o meu pai é professor de futsal, ele tem uma escolinha há bastante tempo, trinta e três anos por aí, e foi basicamente isso. O meu pai e a minha mãe quando eram casados, eles trabalhavam juntos e eu estava sempre dentro desse meio, acompanhando os jogos até na barriga da minha mãe e eles sempre me incentivavam a jogar todos os esportes, não só futsal, então eu sempre tive uma bola perdida em casa e foi assim, comecei a jogar por ver e estar inserida dentro desse meio e por gostar também. Além de ter essa vivência dentro da escolinha, que eu entrei muito pequena, eu gostava era uma coisa que me chamava atenção e eu jogava.

C.M. – Onde você morava nessa época?

L.A. – Morava em Canela¹.

C.M. – A escolinha fica em Canela?

L.A. – Fica em Canela, mas também o meu pai tem turmas em Gramado, Canela e Gramado, e eu jogava nessas duas cidades, que são do lado, quinze minutos a distância entre elas.

C.M. – Quando você não jogava dentro da escolinha, você jogava em outra parte?

L.A. – [Riso], eu jogava na rua, com o pessoal da vizinhança, jogava na escola, estava sempre fazendo alguma coisa com uma bola, qualquer que fosse.

C.M – E com quem você jogava? Meninos e meninas?

L.A – Principalmente jogava com meninos, a escolinha do meu pai aceita meninas, mas a maioria, 99% são meninos e eu jogava com eles, sempre com eles, meninas era raro; quando tinha para jogar alguma, eu era quase sempre a única menina.

C.M – No seu tempo livre de criança, nas atividades de lazer, você só jogava futsal ou fazia outras brincadeiras?

L.A – Na rua sim. Perto de casa a gente jogava taco também, mas quase sempre era futebol o que fosse, alguma outra brincadeira sim, policia e ladrão, esconde-esconde, pega-pega, mas quase sempre era futsal.

C.M – E quando jogava com meninas?

L.A – Eu não brincava com meninas.

C.M – Não brincava [risos]...

L.A – Porque elas não jogavam o que eu gostava de jogar. Então não tinha por que eu brincar com elas. Quando brincava era quando tinha algum aniversário e, mesmo assim, era raro eu brincar com elas.

C.M – Até quando você jogou nesse espaço, até quando você jogou na rua com os amigos?

L.A – [Pausa para pensar], até uns oito anos, sete por aí...

C.M – E porque não continuou jogando?

L.A – Porque a escola começou a ficar mais... Porque antes quando eu jogava com eles na rua, a escola era de tarde, eu chegava da escola e já ficava na rua, horário de verão essas

¹ Canela é uma cidade do estado Rio Grande do Sul, Brasil.

coisas. Mas a escola começou a ser de manhã e eu treinava à tarde na escolinha, então não... Parei de jogar com eles, era mais fim de semana, quando jogava.

C.M – E nessa época qual era o principal motivo pelo qual você jogava futebol?

L.A – *Gosto*. Eu gostava, não era para o meu pai se impressionar, nem nada disso, era porque eu gostava mesmo.

C.M – Você jogava futsal ou futebol?

L.A – Futsal.

C.M – E a escolinha era de...?

L.A – Futsal.

C.M – Você praticava outros esportes além do futsal?

L.A – Na Educação Física mais, mas de escolinha não. Até os doze anos foi só futsal, outros eram só... Tinha competições na escola, na escola, com outras escolas eu estava sempre envolvida, mas não que eu fizesse alguma escolinha, o resto era só futsal de escolinha, de aula.

C.M – E alguém da família incentivava você para jogar futsal?

L.A – [Pausa para pensar], o esporte futsal não. Não era “vamos jogar futsal”, era mais “pratique algum esporte”, era esse tipo de incentivo, mas o esporte futsal não. Era mais porque eu gostava, e era nisso que eu estava inserida, meu pai tinha escolinha, mas, sempre me incentivaram a praticar esporte.

C.M – E de que jeito eles incentivavam?

L.A – Era sempre vinculada a questão de saúde mais por saúde. Para não ficar sempre na frente da TV, vídeo game, era por isso.

C.M – E alguém da família não gostava que você praticasse esporte? Futebol especificamente.

L.A – Ninguém fazia nenhuma objeção, todo mundo achava... Mas sempre tinha aquela coisa “ela joga futsal” toda a questão de “meninas não podem jogar”. Meu avô até ele sempre me incentivou, mas eu percebi que ele não gostava muito que eu jogasse futsal, essas coisas, porque quando eu era bem pequenininha *eu era um menino*, a questão de vestimenta e tudo mais e ele não gostava muito disso, mas ele sempre até me incentivava “treina bastante, que um dia eu quero te ver na seleção” coisas assim sabe, mas não tinha ninguém que...

C.M – Alguma vez você pensou em fazer do futsal sua profissão? Quando você era criança sonhava com ser esportista profissional?

L.A – *Quando criança eu sonhava*, eu nunca acompanhei muito futebol pela TV, eu nunca gostei de futebol de campo porque eu não gostava. Assistir ele, não tinha muito interesse para mim, mas eu sonhava em jogar, mas não durou muito esse sonho, foi o mesmo sonho de querer ser astronauta, aquela época, aquela fase que a gente tem e foi isso, não tive um grande sonho de ser jogadora de futebol.

C.M – E pensou em alguma coisa, ou simplesmente isso sumiu? Ou você percebeu pelo qual deixou de pensar sobre isso?

L.A – Bom, eu nunca gostei de jogar futebol de campo e o futsal não tem um mercado bom para meninas. Eu já morava em uma cidade pequena e eu não via isso, não acompanhava, então para mim... Eu não ia fazer uma coisa que eu não gostava só para ganhar dinheiro, então eu não ia jogar futebol. E como eu jogava no gol, a goleira do futebol é imensa e eu quando pequena nunca gostei, então foi isso. E também porque eu tinha desejo de ter outra profissão, de trabalhar com esporte, mas não no esporte, praticando ele.

C.M – Você estudou em uma escola pública ou particular?

L.A – Particular.

C.M – E nessa escola você também jogava futsal?

L.A – Sim.

C.M – Me conta sua experiência sobre jogar futsal dentro da escola?

L.A – Foi bem. Era bem engraçado porque eu era a única menina que jogava e muitas vezes jogava melhor que os meninos. Então, a primeira a ser escolhida nos times da escola na Educação Física era eu, no recreio a gente sempre jogava. Os guris, a gente sempre jogava, até com outras turmas a gente jogava no recreio e foi isso. A gente, eu principalmente sempre fui... Era uma que outra menina que jogava, mas geralmente eu era a única que jogava e quando as outras meninas jogavam era mais por “eu tenho interesse naquele menino então eu vou fazer o que ele faz”, mas, eu estava sempre jogando.

C.M – E como era, por exemplo, as aulas de Educação Física nessa escola?

L.A – Não era só futsal, tinha várias outras coisas. Os conteúdos da aula eram determinados pelas competições municipais da escola, por exemplo, no início do ano geralmente era atletismo, então a gente praticava atletismo. Depois vinha o vôlei, depois era o handebol, depois era o futsal e por aí. Entre isso a gente intercalava algumas brincadeiras, algumas coisas e era assim.

C.M – E nessas aulas separavam meninos e meninas ou jogavam todos juntos?

L.A – Depende, depende do esporte. Se era de mais contato, tipo, futsal e futebol. Primeiro porque futsal nenhuma guria queria jogar, então o professor sempre fazia alguma outra coisa com elas, mas eu sempre estava jogando futsal; mas tipo, handebol ele separava, vôlei ele misturava, até porque não dava muito jogo, então ele tinha que misturar, não tinha tantas meninas para jogar; atletismo todo mundo participava. E logo no início, quando a

gente era pequena, eles não separavam, mas depois que a gente começou a crescer eles começaram a separar, principalmente nos de contato.

C.M – Quando você estava na escola, qual era esse incentivo, esse motivo para você praticar futsal?

L.A – Futsal? Era o gosto, na escola também era o gosto.

C.M – Dentro da escola era incentivada a pratica de futsal?

L.A – Futsal? Entre os meninos sim, era incentivado até porque a escola oferecia escolinhas de futsal, mas para as meninas não era muito assim. Eu ia porque eu gostava e porque eu era metida, e estava sempre no meio disso, e porque jogava bem, as pessoas tinham interesse que eu fosse, mas, era isso.

C.M – Mas eles tinham escolinhas para meninos, especificavam que era *escola para meninos*?

L.A – Não, era escola de futsal. Poderia ir, mas como nenhuma menina se interessava muito, eles nem faziam uma turma específica para meninas.

C.M – E realizavam campeonatos dentro da escola, de futsal?

L.A – Dentro da mesma escola não era, não acontecia muito, era mais entre a minha escola e outras escolas.

C.M – E tinha equipes de meninas de futsal?

L.A – Tinha, mas eram só... Se juntaram para jogar o campeonato... Não era muito... Até na cidade tinha uma escola, um time de meninas, mas eu não gostava de jogar com elas; porque elas não jogavam bem, não tinham muita noção, e como eu era a goleira... Elas não tinham jogo, e então elas não chutavam e para mim era sem graça ficar lá. Então, eu jogava com os meninos na escolinha do meu pai, não gostava de jogar com elas.

C.M – E quais foram as experiências mais significativas que você lembra sobre a prática de futsal, dentro da escola?

L.A – Dentro da escola foram mais momentos de diversão. Tinha dias que chovia e a gente estava na rua jogando, e voltava para aula molhados, sujos, era mais de diversão, não tinha muito de *ganhamos tal campeonato*. Dentro da escola além... Eu jogava handebol também na escola, a partir do ensino médio eu comecei a jogar também na escola, a gente tinha um time para jogar o “Maristão”, que a minha escola era Marista, então tem essa competição de todos os maristas no estado... Então a gente se preparava para jogar esse campeonato. E aí era sempre uma emoção, a gente vinha para Porto Alegre, como eu morava lá, a gente vinha para cá, e jogava. Isso sim, eu me lembro da competição, estar envolvida, mas futsal era mais por diversão.

C.M – Você continuou fazendo o ensino médio dentro desta instituição?

L.A – Sim.

C.M – E nessa época depois de passar para o ensino médio você continuou jogando dentro da escola?

L.A – É que, eu parei de jogar futsal. Eu tinha treze ou doze anos, eu comecei a jogar vôlei, então eu parei o futsal. E isso é até uma história engraçada, os motivos pelos quais eu parei de jogar futsal, porque eu já não era mais criança, e aí já tinha aquele preconceito: “Ela joga futsal, ela é sapatão”. Então, eu não gostava que as pessoas me vissem daquela forma, então eu parei de jogar. E aí eu comecei a jogar vôlei e isso parou e eu gostava de jogar, então comecei a jogar vôlei; daí eu fui para outra cidade para jogar vôlei e estava bem, mas eu parei de jogar o futsal, voltei ano passado a jogar futsal.

C.M – E como foi a sua decisão de parar?

L.A – Para mim não foi muito traumático, porque eu tinha minhas questões e eu estava convicta de parar, para que esse “bulling” no caso, para que essas chacotas que faziam

parassem, então por isso que eu parei; mas para o meu pai foi bastante preocupante, porque ele via que eu teria um potencial talvez, e que se eu parasse eu ia deixar de fazer aquilo, tudo aquilo que eu aprendi para começar uma coisa nova em um esporte, aos doze anos. Então, ele sempre dizia: “*Não, quem sabe tu faz os dois, tem como tu concilia. Mas eu não queria, eu não queria mais que as pessoas me vissem daquela forma.*”

C.M – E aconteceu alguma coisa, porque você percebeu o preconceito?

L.A – Um fato isolado não aconteceu, mas eu via sabe? Que as pessoas me olhavam já com maus olhos, por eu estar praticando e eu não tinha intenção de parar o futsal eu só... Logo que eu comecei a jogar vôlei, mas eu vi que quando viram que eu comecei a jogar vôlei diminuiu aquele preconceito e eu: “*Bom, então é esse que eu vou fazer*”. Vou parar de jogar futsal e foi isso que eu fiz.

C.M – Vamos falar da escolinha. Então, você ingressou na escolinha de futebol principalmente por quê?

L.A – Primeiro porque eu gostava de jogar, e aí como ele tinha uma escolinha eu fui.

C.M – Como você organizava o tempo para fazer as atividades acadêmicas e também fazer a prática esportiva?

L.A – É que no início eu era bem pequena, então eu só tinha a escola. Eu lembro que as aulas eram terças e quintas pela manhã, aí eu treinava, era esses os meus treinos e eu tinha alguns campeonatos no final de semana, tinha os municipais também pela semana durante a noite. E quando eu comecei a crescer um pouco mais, eu comecei a treinar mais, então eu treinava terça, quarta, quinta e sexta pela manhã, e depois quando o turno da escola mudou, terça, quarta, quinta e sexta à tarde. Uma hora era a aula só.

C.M – E seus amigos perto de casa ou da escola, sabiam que você estava em uma escolinha de futebol?

L.A – Sim.

C.M – E o que eles achavam sobre isso?

L.A – Com muitos deles eu jogava na escolinha, então eles achavam bem legal, até porque eles queriam estar nessa escola. Os que não estavam, queriam estar; então não tinham muito opinião sobre isso, eles achavam legal.

C.M – Quantas meninas tinham na escola, enquanto você treinava?

L.A – Na escolinha de futsal? Eu joguei nessa escolinha com... Eu lembro de três, mas uma eu joguei por dois anos e logo ela saiu da escolinha, outra eu joguei por um ano e saiu. Não tiveram muitas meninas, que eu lembre foram três meninas além de mim.

C.M – E como eram esses treinos, dentro da escolinha, não eram todos os dias?

L.A – Não, todos os dias.

C.M – As pessoas que treinavam a vocês eram homens ou mulheres, mistos?

L.A – Era o meu pai, quando não era o meu pai tinha outro treinador homem, mas a minha mãe estava envolvida nisso e aí era uma mulher.

C.M – Como era a sua relação com os colegas que também treinavam nessa escolinha?

L.A – Era normal, eles não... Tinha sempre: “Não vai perder para uma menina”; “Não consegue fazer gol nem em uma menina”, por exemplo, tinha isso. Mas, não tinha muito preconceito, não me deixavam de lado, até porque eu era a filha do professor, mas [risos] eu acho que isso não tinha muita relação.

C.M – E em que momento você decidiu ser goleira?

L.A – [Pausa para pensar]. É porque quando eu era pequena, eu era sempre mais alta que os meninos, então eu não tinha muita agilidade, tanto quanto eles. Então, eu jogava mais

atrás, na zaga. Só que era muito difícil eu ter tanta qualidade, quanto os meninos naquela posição, por mais que eu jogasse bem, e eu vi que goleiros não tinham tantos, e eu gostava também, então fui. Teve uma época que eu joguei, eu comecei jogando no gol, logo que eu entrei para escolinha, depois eu saí, fui para a linha depois eu não gostei, e voltei para o gol.

C.M – E o que foi mais significativo dentro dessa escolinha de futsal?

L.A – Foi principalmente os valores dentro do esporte, saber estar no banco para depois ser titular, saber perder e ganhar, saber que se tu não sabe uma coisa tu não vai aprender de uma hora para outra, que tu tem que treinar para estar bom naquilo, que tu tem que ter responsabilidades, se o treino começa as duas tu tem que estar lá quinze para as duas fardado já; esses valores, mas a questão de valores, além da experiência é claro.

C.M – Até que idade você fez parte dessa escolinha?

L.A – Até os treze.

C.M – Então, depois dos treze anos você já parou de jogar futsal e começou a jogar voleibol?

L.A – É, eu comecei a jogar vôlei com doze anos, mas esse ano eu jogava vôlei e futsal, só que em alguns campeonatos começaram a coincidir no mesmo fim de semana e eu tinha que optar, então eu optei por parar de jogar futsal e começar a jogar vôlei e aí foi nos meus treze que eu parei.

C.M – Você parou e não jogava nem de vez em quando?

L.A – Eu jogava na escola quando tinha competições, mas eu parei de treinar, e na Educação Física eu também não jogava muito só quando tinha aquele esporte que a gente estava aprendendo, no caso.

C.M – Depois de você terminar o ensino médio, começou a praticar futsal? Em que momento você retomou o futsal?

L.A – Foi o ano passado, quando eu entrei na UFRGS² eu passei um semestre sem jogar nada porque eu tinha recém me mudado para Porto Alegre, então eu tinha medo de não conseguir conciliar as coisas da faculdade com os treinos, e na cidade era nova. Então, eu parei um semestre e não fiz nada esse semestre, aí o semestre passado foi que eu entrei para o time da UFRGS tanto de vôlei quanto de futsal.

C.M – E você como conheceu o time da UFRGS de futsal?

L.A – Teve o interbarras, que é uma competição da UFRGS, e aí o professor, que era o Jeferson³, me viu jogando e pediu se eu não tinha interesse de entrar no time da UFRGS de futsal e o mesmo aconteceu com o vôlei, eu vim nesse dia que era o interbarras de futsal que eu estava jogando, e eu vim com uma camiseta do vôlei, que o professor de vôlei conhecia a equipe e perguntou se eu já não jogava e se eu tinha o interesse de jogar na equipe de vôlei da UFRGS, e foi isso.

C.M – E esse foi de que ano, o ano passado?

L.A – É, 2014.

C.M – Na universidade, o que motivou você fazer parte da seleção de futsal?

L.A – Eu sempre gostei de futsal, então quando me falaram que teria esse campeonato de futsal eu não pensei duas vezes “eu vou jogar, quero jogar pela minha barra” e aí como me chamaram, já era uma coisa que eu gostava e os motivos pelos quais eu parei de jogar futsal naquela época, já estavam mais acertados dentro de mim, eu “bom, não tem o porquê de eu não fazer alguma coisa que eu gosto”.

C.M – Como tem sido essa experiência dentro do time da UFRGS?

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Jeferson Dickel, treinador da seleção feminina de futsal da UFRGS desde 2011 até 2014.

L.A – *Muito legal* primeiro porque é com meninas, eu nunca tinha jogado com meninas, sempre foi com meninos. E é bem diferente até porque eu passei muito tempo sem jogar e aí voltar, e voltar de uma forma completamente diferente como eu comecei é bem divertido, porque as meninas são bem unidas e já é um mundo, um contexto que eu estou inserida, então está sendo muito divertido, muito legal.

C.M – E o que significa para você ser parte da equipe de futsal da UFRGS?

L.A – O que significa? Significa muita coisa, mas eu penso que no valor de experiência, de poder olhar daqui a quinze anos e dizer... Ver uma foto, ou perguntarem: “Eu participei desse time, eu estava lá quando isso aconteceu”.É mais uma questão de experiência de já, ter feito isso por gostar, por isso.

C.M – E você acha que tem alguma diferença na pratica de futsal agora na universidade e antes na escola?

L.A – *Nossa* totalmente, porque principalmente a questão de tática, porque como eu parei de jogar o tempo que eu estaria amadurecendo taticamente, o que eu joguei foi quando tinha doze anos, treze. Então, eu não tinha jogo, esse jogo bonito que a gente vê, e aqui tem, por exemplo. Então, tem muita diferença, muita diferença mesmo.

C.M – E como a universidade apoia o time da UFRGS?

L.A – Apoia muito, porque quando eu joguei vôlei também era uma equipe que não... O município ajudava, mas eles tinham que correr atrás de patrocínio e essas coisas. Então, vários campeonatos, alguns a gente teve que desembolsar esse dinheiro para ajudar, alimentação, e logo no final da categoria infantil se eu não me engano, a gente tinha algumas refeições, mas agora dentro da universidade a gente percebe que tem algum campeonato, eles ajudam com alimentação, ajudam com a estadia, eles apoiam bastante essa questão do esporte, tanto futsal e outros também.

C.M – Você na sua trajetória esportiva, com o futsal, participou de várias competições? com qual time?

L.A – Sim, com essa escolinha.

C.M – E como foi essa experiência dessas competições?

L.A – Eram competições municipais, onde vários times da cidade que tivessem, outras escolinhas dentro dessa cidade se inscreviam nesse campeonato, eu jogava, até a questão de “uma menina esta jogando com meninos” tinha tudo isso, mas como o meu pai conhecia os organizadores do campeonato, eles tinham esse entendimento que sabiam que eu não estava ali para me machucar, então abriam esse espaço para eu poder jogar a competição, e para outras meninas também, era raro mas tinha umas outras meninas que jogavam. Essas eram as competições municipais e tinham outras que a escolinha do meu pai jogava com outras cidades, juntavam com outras cidades e faziam campeonato. Era isso, a gente não jogava estadual porque não tinha a federação envolvida, mas eram escolinhas de outros municípios.

C.M – E como foi essa experiência de jogar só com meninos?

L.A – Na época, não tinha diferença eu não notava muito porque o que eu... Sei lá, eu não notava diferença, sempre, como eu falei, tinha aquela coisa de: “É uma menina que esta jogando”. Eu via que os meninos falavam isso, até aquela: “Será que é uma menina, será que é um menino?” Tinha aquela pergunta, mas para mim eu nunca liguei para isso, quando eu era pequena é claro, algumas coisas não aconteciam por fora, eu não via pelo menos, eu não notava nada de diferente. Eu só não gostava de jogar com as meninas porque elas não jogavam bem e eu gostava de jogar com os meninos porque eles jogavam bem, tinha desafio, mas não notava nenhuma grande diferença.

C.M – E vocês ganharam campeonatos nessa época, com a escolinha?

L.A – Sim, ganhamos.

C.M – Quais?

L.A – Eu lembro de ganhar vários municipais, que era uma coisa *grande* dentro da cidade, os pais iam e a comunidade estava envolvida com isso. Eu lembro de ganhar uns três, porque eu não joguei muito, joguei vários campeonatos porque eu jogava na minha categoria e na categoria acima muitas vezes, mas eu devo ter ganhado uns três, quatro e esses outros com outras equipes, de outras cidades também foram vários.

C.M – O que significa para você praticar futsal?

L.A – Essa é uma pergunta difícil porque jogar futsal é quem eu sou, da mesma forma que... Porque é uma coisa que eu gosto, então, tudo que eu gosto é quem eu sou. Então jogar futsal é ser quem eu sou, se eu não puder jogar futsal eu não vou estar sendo quem eu sou.

C.M – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

L.A – Desde o início, desde pequena até agora ou só agora na faculdade?

C.M – Não, como você poderia fazer uma descrição geral de o que é ser uma mulher que joga futsal?

L.A – É que eu acho que isso tem muito haver com onde tu estas sendo uma mulher que joga futsal. Por exemplo, aqui na UFRGS não tem mais: “Ela é uma menina que *joga* futsal” já é normal, até porque a gente esta em uma universidade de Educação Física, é normal. Mas agora, tu ir para dentro de uma escola e ser uma menina que joga futsal tem aquele impacto, é uma coisa diferente, as pessoas além de ter algum... Quando não tem algum preconceito acham “que legal, que bacana” é diferente isso; mas para mim ser uma menina que joga futsal é, sendo bem sincera, é normal, porque não muda em nada do que ser uma menina que joga vôlei, para mim é a mesma coisa, claro que eu entendo que fora a sociedade encara de uma maneira diferente, mas para mim é a mesma coisa.

C.M – Você acha que existe alguma diferença entre homens e mulheres que jogam futsal?

L.A – Eu acho que é mais uma questão física, porque os homens são mais ágeis, então o jogo em si é mais ágil e aparecem coisas que tem no jogo masculino que não ocorrem no jogo feminino, eu sei mais falar sobre isso no vôlei que foi a época que eu... Faz menos tempo e que onde eu amadureci jogando foi o vôlei. Não seria isso, mas, a instabilidade de tu conseguires manter uma concentração. Até o meu professor fazia uma brincadeira que existe três tipos de vôlei: vôlei feminino, o vôlei de quadra e o vôlei de areia, porque tu podias estar jogando muito bem daqui a pouco desconcentrava o time inteiro, uma errava uma bola, já as outras ficavam meio assim. O porquê eu não saberia dizer, eu acho que é pela questão da mulher ser mais sensível a muita coisa, com sensível não entenda mais fraco, mais frágil, mas sensível mesmo de sentir tudo que esta ao redor, pressão, momento do jogo e tudo mais... Qual era pergunta mesmo?[risos].

C.M – Que se você acha alguma diferença entre, praticar entre homens e mulheres.

L.A – Sim, isso seria essas que eu falei.

C.M – O que é o melhor que o futsal trouxe para sua vida?

L.A – Os valores, eu acredito que sejam os valores. Acho que todo o esporte que eu estivesse praticando, além da experiência que tu tem dentro de quadra, enfim, são os valores que os esportes passam a questão de responsabilidade e de tudo que eu falei antes.

C.M – E você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência de praticar futsal?

L.A – Aspecto negativo que fez mal para mim?

C.M – Sim, alguma coisa assim que você acha não boa de jogar futsal.

L.A – Não [riso], tem nada que eu possa dizer.

C.M – Mais alguma coisa que você queira me contar relacionado com a prática de futsal, a sua experiência?

L.A – É porque essa questão de preconceito é uma coisa que desperta a minha curiosidade também, não sei se essas vão ser as questões que tu vai debater no teu trabalho, mas porque que uma menina que joga futsal, futebol teria que necessariamente ser lésbica? Porque o esporte é visto como masculino e porque essas questões de gênero, meninos fazem isso e meninas fazem aquilo? Isso é uma coisa que eu não entendo, por que é que existe, consigo ver que existe, mas não entendo e isso que... Porque isso mexeu muito com a minha vida, o fato de eu ter parado de jogar futsal que era uma coisa que eu gostava estava envolvido com esse preconceito, com essa visão que a sociedade tem de o futebol não ser uma coisa feminina, meninas não poderem jogar futebol, porque estarão dizendo *que são isso que são aquilo*, então isso é uma coisa que eu acho que deveria acabar.

C.M – Laura, muito obrigada por me contar tua história que é muito interessante e eu agradeço muito a ajuda para essa pesquisa, muito obrigada.

L.A – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]